

As “rodas” literárias no Brasil nas décadas de 1920-30. Troca e obrigações no mundo do livro

Simone Silva^{*}

Resumo: Este artigo, através da comparação entre os processos de publicação das obras de estréia de Mário de Andrade e de José Lins do Rêgo, procura analisar o sistema de trocas e obrigações do mundo do livro ao longo das décadas de 1920-30. A partir do estudo das trajetórias de estréia de ambos os escritores, foi possível demonstrar a dependência do espaço literário brasileiro em relação aos “grupos de amigos”, comuns no período. Tomam-se os grupos de Mário de Andrade - a “roda” de São Paulo, e José Lins do Rego - a “roda” de Maceió, para tentar demonstrar a importância dessas associações de amigos para o desenvolvimento do mercado editorial e para a arte nacional como um todo.

Palavras-chave: crítica literária, prestígio, reciprocidade, Mário de Andrade, José Lins do Rego

The Brazilian literary “rodas” in the 1920s and 30s years. Exchange and obligation in the book’s world

Abstract: This article presents a study about the literary space’s exchange and obligation system in Brazil, during the 1920s and 30s. By comparing the system of edition of Mário de Andrade’s and José Lins do Rego’s first relevant books, it is shown the literary space’s dependence upon the “groups of friends” - a social formation common in that period. The edition of the books *Paulicéia Desvairada* and *Menino de Engenho* is assembled from the writers, publishers, and others cultural producers’ accounts, as well as the authors’ own personal correspondence. Through these two writers’ works, we are shown their own literary circles: “grupo dos cinco” (São Paulo) and “roda de Maceió”. It is analysed the importance of these groups for the development and independence process of the Brazilian literary champ.

Key-words: literary criticism, reciprocity, honor, Mário de Andrade, José Lins do Rego.

* Doutora em Antropologia Social - PPGAS / Museu Nacional – Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-Mail: simonesilvabr@gmail.com

1. Introdução

A análise dos percursos dos manuscritos do livro de Mário de Andrade, *Paulicéia Desvairada*, publicado pela Casa Mayença em 1922, e de *Menino de Engenho* de José Lins do Rêgo, publicado dez anos depois pela Adersen Editora, possibilitou compreender a configuração do espaço literário das décadas de 1920-30. Na tentativa de entender as classificações modernista e regionalista, atribuídas, respectivamente, a Mário de Andrade e a José Lins do Rêgo, optou-se por pesquisar um período ímpar em suas trajetórias, ou seja, um momento polido de críticas ou alianças. Entretanto, a pergunta acerca dos mecanismos classificatórios que opuseram os dois escritores surgidos de um mesmo movimento artístico (Movimento Modernista), levou-me a uma questão central para entender o espaço literário do início do século XX e, principalmente, uma importante contribuição para os estudos sobre a esfera de produção de bens simbólicos: qual era a importância dos “grupos de amigos”, dentre eles artistas, pintores, escritores, intelectuais, políticos e jornalistas, para o mundo¹ do livro ao longo das décadas de 1920-30?

A leitura de cartas, de entrevistas, de enciclopédias e de biografias² contribuiu para montar o quebra-cabeça da história das publicações de *Paulicéia Desvairada* e de *Menino de Engenho*, à medida que esse material indicava o papel de cada uma das dezenas de pessoas envolvidas no percurso dos lançamentos dessas obras. Uns liam os manuscritos, outros revisavam a prova do livro que era em seguida encaminhada a um editor e, depois de publicada, restavam as tarefas de distribuição e de divulgação, que também estavam a cargo de membros dos grupos. Aos poucos, fui percebendo que todas aquelas pessoas não podiam ser agrupadas em simples divisão de trabalho literário. Tratavam-se de amigos próximos envolvidos indistintamente em diversas atividades. A princípio, pareciam ser simples “grupos de amigos” que se ajudavam em função dos laços afetivos. Contudo, ficou claro, ao longo da pesquisa, que o apoio mútuo existente entre eles, era parte de um sistema coercitivo de obrigações, essencial para o âmbito artístico daquele período.

¹ Ao longo do trabalho, optei por denominar o espaço do livro de “mundo”, em alusão ao conceito de H. Becker, para enfatizar que esse universo, tal como qualquer outro, está marcado por relações e normas sociais. Além disso, é de suma importância mencionar que para o caso do Brasil no período analisado não é pertinente pensar esse espaço sob os preceitos de campo, segundo conceito de P. Bourdieu e recorrentemente usado por Sérgio Miceli, já que os produtores do espaço literário brasileiro não detinham o poder e o controle das instâncias de avaliação e consagração que julgam os bens simbólicos produzidos. É dizer, no caso brasileiro não havia um mercado editorial propriamente dito.

² Dicionários e enciclopédias, livros de correspondências e biografias dos produtores foram fontes eficazes para recuperar o conjunto de relações e alianças que circunscrevia o mundo do livro do início do século XX.

As “rodas”, como eram chamadas por eles, tornaram-se o objeto de pesquisa a partir da compreensão de que as publicações de *Paulicéia Desvairada* e de *Menino de Engenho* foram o resultado da ação conjunta dos amigos de seus autores, os quais compunham o “grupo dos cinco” formado pelos amigos de Mário de Andrade - Tarsila do Amaral, Anita Malfatti, Menotti del Picchia e Oswald de Andrade, conforme o desenho de Tarsila do Amaral:



Desenho de Tarsila do Amaral (Acervo IEB – USP) e a “roda de Maceió”, composta pelos amigos de José Lins do Rêgo - Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos, Jorge de Lima, Aloísio Branco, Valdemar Cavalcanti, Aurélio Buarque de Holanda, conforme a fotografia a seguir:



Fonte: Biblioteca da Academia Brasileira de Letras - RJ.

O “grupo dos cinco” e a “roda de Maceió”, dentre outras que identifiquei ao longo da pesquisa, como por exemplo, as do Rio de Janeiro, as de Minas Gerais, ou mesmo os grupos das revistas e das editoras³, não foram focos de análise nos trabalhos sobre literatura brasileira. Na Sociologia, os estudos de Alfredo Wagner de Almeida⁴ e de Gustavo Sorá⁵ destacam-se por apresentarem as rodas como responsáveis por uma mudança estrutural do espaço artístico brasileiro. Almeida, de maneira indireta, ressalta a importância do “grupo do primo” para o lançamento da obra de estréia⁶ de

³ De fato, os grupos de editoras e revistas eram formados a partir das “rodas de amigos”, ou seja, com o ingresso de seus membros em uma dada editora, eles passavam a constituir a sua roda. Por exemplo, os membros da “roda de Maceió”, ao ingressarem na José Olympio, passaram a fazer parte da roda dessa editora. Com isso, é importante perceber que a constituição de muitos grupos de uma mesma roda era importante porque aumentava o número de alianças de seus membros e também expandia o espaço de circulação de suas obras.

⁴ ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. *Jorge Amado: Política e Literatura – Um estudo sobre a trajetória intelectual de Jorge Amado*, Rio de Janeiro: Editora Campus LTDA, 1979.

⁵ SORA, Gustavo. “Brasilianas. A casa José Olympio e a instituição do livro nacional”. Tese de doutorado apresentado ao Programa de Pós-graduação em Antropologia Social do Museu Nacional/UFRJ, 1998.

⁶ Como assinalou Alfredo Wagner de Almeida, a obra de estréia, que não precisa ser exatamente a primeira, é o primeiro livro reconhecido por um público amplo e por um restrito número de

Jorge Amado - *O país do Carnaval*. Contudo, o “grupo do primo”, composto pelos amigos do escritor baiano - Almir de Andrade, Otávio de Faria, o editor Augusto Frederico Schmidt e o primo de Jorge Amado, Gilberto Amado - aparece na narrativa de Almeida como um grupo isolado dentro daquele sistema de produção, ou um *outsider* - categoria usada por Williams (1980) em seu estudo sobre o grupo de intelectuais de Londres, “The Bloomsbury Fraction” .

Apesar de ressaltar a importância do “grupo do primo” para a publicação de *O País do Carnaval*, Almeida não problematiza a sua formação naquele período e a sua importância para o centro de produção e circulação cultural. Nesse ponto, o trabalho de Sorá sobre a Editora José Olympio e a atividade editorial nas décadas de 1920-30 traz mais indicações. O autor não só destaca a relação da roda de Maceió com o seu objeto, o livreiro-editor José Olympio e sua editora, como afirma que esses grupos, já apontando para a existência de outros além da roda de Maceió, eram como “*unidades de um sistema de produção cultural (...) centrais para a evolução das práticas intelectuais e editoriais*” (Sorá 1998).

Há também o artigo de Heloísa Pontes⁷ sobre o grupo paulista Clima⁸ que durou de 1939 a 1944. A autora, seguindo a questão de Williams, tenta identificar as práticas e os valores partilhados pelos integrantes do grupo e que foram a base para estabelecer a amizade entre eles e também a forma de os distinguirem dos outros já existentes. Os demais trabalhos, tanto aqueles da historiografia literária quanto os dos estudos sociológicos, ou abordam os produtores culturais isoladamente, destacando trajetórias, análises de livros, participações em movimentos artísticos, ou fazem um estudo historiográfico geral do período, dando às rodas um lugar periférico no estudo. Dado isso, é importante deixar claro que foram privilegiados aqui os estudos que não só apontam a existência das rodas, mas, sobretudo, tomam-na como um elemento funcional na produção cultural da época. Além disso, dentre eles, por razões evidentes do objeto de estudo dessa pesquisa, priorizei os que trabalham, em especial, com as rodas literárias, ou seja, cuja formação é majoritariamente de escritores.

Considerando os dados acima, proponho para este texto uma análise acerca das relações do espaço literário e artístico brasileiro, através da qual tentarei demonstrar a dependência do mundo do livro brasileiro desse período em relação aos “grupos de amigos”. Levando em conta que os dons são constitutivos de laços, pretendo explicar o significado da “troca” para os atores envolvidos, o que eles “trocam” e o que os motiva

produtores do campo intelectual que julgam, avaliam e têm o controle das instâncias de consagração.

⁹ PONTES, H. “Destins entremêles. Le Grupo Clima, la faculté de philosophie et le système culturel paulista dans les années 1930 a 1950”. *Cahiers du Brésil Contemporain*, n.º 47/48, 2002.

⁸ Dentre outros, esse grupo foi formado por Décio e Paulo Emílio, Rui Coelho, Gilda de Melo e Souza, Mário de Andrade, Antônio Cândido.

a fazer parte desse “jogo”. Para tanto, é preciso ter claro que não se trata de uma abordagem automatizada da relação de “troca”, ou seja, que enfatiza isoladamente o ato de dar, receber e retribuir, negligenciando a obrigação embutida nela. Essas atividades, como bem apontadas por Marcel Mauss, são desempenhadas em um espaço de tempo e representam um ponto dessas relações que, tomadas mais amplamente, tornam-se mais complexas e mais interessantes do ponto de vista antropológico. Desse modo, torna-se incongruente uma leitura da troca analisada em termos de “favor” ou de “interesse”, o que automatizaria a ação dos indivíduos, ou ainda, uma materialização da ajuda entre os amigos da roda. Seguindo a teoria do dom acima citada, indico ao leitor que o que motivou essa pesquisa não foi identificar, por exemplo, o que um editor ganhava, em termos de benefícios, ao fazer uma crítica positiva do livro de um amigo, mas sim tomar a troca em seu conjunto, como um ponto dentro da ampla relação escritor-editor-mundo do livro do período.

A motivação para tentar compreender e explicar a troca, inscrita em um sistema de obrigações e na coerção social, tal como a existente no espaço literário das décadas de 1920-30, por um lado, vem do fato de ela ser uma instituição social total para esse mundo no período assinalado e, por outro, por não ter sido anteriormente relacionada ao funcionamento desse espaço, ou sequer analisada mais detalhadamente como base para um entendimento completo da produção e da circulação dos bens simbólicos ao longo das décadas de 1920-30.

2. Do dom à circulação dos bens.

Até aproximadamente meados da década de 1920, o mundo do livro brasileiro era restrito a um pequeno número de consumidores e os artistas continuavam, como em épocas anteriores, sendo patrocinados por mecenas.⁹ A publicação de livros nacionais era feita em tiragens restritas, com financiamento do próprio escritor, e competiam com os livros estrangeiros traduzidos no Brasil.¹⁰ Desde o final do século XIX, São Paulo, por exemplo, o centro de produção brasileira, dispunha de melhores condições, mas contava com poucas livrarias, tais como a Casa Eclética, a Empresa Literária Fluminense, a Paulista, e a famosa Casa Garraux, além dos salões

⁹ Dos anos 1920 ao início dos 30, o mecenato era, em sua maioria, exercido por membros da aristocracia cafeeira paulista. A frequência com que ocorriam as reuniões dos salões, organizados pela aristocracia local ao longo dessas décadas, revela a relação existente e determinante para o espaço artístico entre os artistas e o mecenato cafeeiro. A partir da segunda metade da década de 30, esse mecenato é alterado, tornando-se estatal. Os artistas passam a contar mais com o apoio financeiro de programas do governo destinados ao desenvolvimento da arte nacional, sendo o principal deles a concessão de bolsas de estudos no exterior, sobretudo na França.

¹⁰ Sorá, *op. cit.*, 1998.

organizados pela elite paulista. Estes, por sua vez, geralmente constituído por uma pessoa economicamente influente, funcionavam como lugar de encontro para a oligarquia e os artistas desprovidos de recursos financeiros. O mais famoso e importante dos salões em São Paulo¹¹ era o da Vila Kyrial¹², ao que se sabe berço de “nascimento” da Semana de 22. Pertencente ao gaúcho José de Freitas Valle, que foi para São Paulo estudar Direito, o salão da Vila Kyrial era, no início do século, o ponto de encontro de muitos artistas, políticos, jornalistas e escritores que freqüentemente aí se reuniam para participar de saraus literários, audições musicais, banquetes e ciclos de conferências.

Entretanto, os salões e os mecenas tiveram seus papéis de “promotores” artísticos alterados após o progressivo percurso de autonomização do espaço cultural. De fato, o mecenato não havia deixado a cena cultural brasileira, mas ele tinha sofrido modificações - passou a ser “estatal” na década de 1930. Mário de Andrade e quase todos os artistas que estavam em São Paulo nesse período e que, além disso, cultivavam laços de amizade com aqueles que ocupavam cargos no governo, sobretudo na Prefeitura, foram beneficiados com diversos projetos de incentivo à cultura. Um dos mais importantes foi o programa que concedia bolsas de estudos para a realização de cursos na Europa. Fábio Prado, prefeito da cidade de São Paulo na ocasião, aprovou o projeto de Mário e de seus amigos para a criação do Departamento de Cultura. Com Mário na direção desse Departamento, de 1935 a 1938, o grupo¹³ fez inúmeros levantamentos demográficos, restaurou documentos, criou o Museu da Palavra, fez pesquisas folclóricas e organizou o Congresso de Língua Nacional, atividades estas que viriam a ser um ensaio para o grande Instituto Brasileiro de Cultura – o objetivo final do Departamento de Cultura. De fato, o grupo de Mário de Andrade, assim como muitos outros pelo país, ainda que ideologicamente diferente, defendia a idéia desse Departamento como o passo inicial para a preservação e o resgate da cultura popular, o que conferia à arte nacional um “espírito” (*geist*) de genuína brasilidade.

A atuação das associações de amigos, enquanto condutoras do espaço cultural, marcou uma mudança importante quanto à dependência dos artistas em relação às

¹¹ Ao contrário do Rio de Janeiro, os salões rareavam em São Paulo. A Villa Kyrial de Freitas Valle sucedeu o de Dona Veridiana, matriarca da família Prado, que manteve em sua chácara um dos primeiros salões de que se tem notícia na cidade.

¹² As informações sobre o salão da Villa Kyrial foram extraídas da dissertação de mestrado de Márcia Camargos, apresentada à FFLCH – USP, publicada em 2000 pela editora Senac – São Paulo.

¹³ “(...) Aí uma roda agradável se formara: André Dreyfus, Antônio de Alcântara Machado, Tácito de Almeida, Antônio Couto de Braros, Rubens Borba Moraes, Mário de Andrade, Paulo Magalhães. Sem contar os pioneiros... Sérgio Milliet, Nino Gallo, Vittorio Golis, Paulo Rossi Osir, etc.” (DUARTE, Paulo. *Mário de Andrade por ele mesmo*. São Paulo: HUCITEC – SCCT – CEC, 1977, p.2).

elites econômicas. As “rodas” passaram a ser o meio através do qual os artistas produziam e faziam circular suas obras. No tempo das rodas, eram elas as responsáveis pelo julgamento, pela crítica e pela divulgação do produtor artístico. No caso do mundo do livro, por exemplo, evidencia-se a importância que as “rodas” passaram a ter no processo fundamental de promoção do escritor – a publicação dos livros, que segue um largo trajeto¹⁴ até chegar ao editor por meio de um integrante da “roda”. Vejamos os exemplos de Mário de Andrade em 1922, e de José Lins do Rêgo, uma década depois.

Paulicéia Desvairada foi escrito por volta de 1920 e até a sua primeira edição, em julho de 1922, ele foi modificado e lido pelos amigos de Mário de Andrade. “Por esse tempo Oswald de Andrade tinha um automóvel, um *Cadillac* verde que era célebre entre os modernistas. Às tantas da noite ia acordar os rapazes, punha-os no carro e tocava para o alto da serra de Santos. Lá, Mário de Andrade, que sabia de cor o *Paulicéia* inteirinho, recitava-o para os companheiros” (Góes 1946: 95). Entre os anos de 1920 e 21, Mário foi professor do Conservatório de Música, onde conheceu Oswald de Andrade durante um espetáculo. Assim, aos poucos eles foram formando o conhecido “grupo dos cinco” (nome de um desenho de Tarsila do Amaral).

Depois de ter conhecido Oswald, Mário conheceu Menotti Del Picchia. Mais tarde, os três tornam-se amigos da artista Anita Malfatti. Porém, tudo começou com Tarsila do Amaral que, ao chegar de Paris em junho de 1922, instalou seu ateliê na Rua Vitória, no centro de São Paulo. Reencontrou-se com Anita, cinco anos depois de tê-la conhecido numa exposição. Quando Anita apresentou Tarsila aos amigos, consolidou-se, então, o “grupo dos cinco”. No início, todos se visitavam, discutiam uns com os outros e trocavam suas produções. “Fazíamos fugas desabaladas dentro da noite, na *Cadillac verde de Oswald de Andrade*, a meu ver a figura mais característica e dinâmica do Movimento, para ir ler as nossas obras-primas em Santos, no Alto da Serra, na Ilha das Palmas...” (Depoimento de Mário de Andrade. *In*: Góes, 1946).

Ao longo dessa convivência, muitos foram os pontos de reunião dessa “roda”, o bar Ponto Chic - aberto em 1922 e que existe até hoje no mesmo endereço (Avenida São João, 162) - a mansão de Paulo Prado, o sobrado amarelo, demolido nos anos 1950, alugado por Oswald de Andrade, as livrarias Casa Editora A. Tisi e O Livro, entre outros.

Como é possível observar, esses encontros eram freqüentes. Aconteciam na casa de Mário, no ateliê de Tarsila, ou em bares. Pela freqüência, esses encontros pareciam essenciais para que os amigos se inteirassem do que estava sendo produzido pelos artistas da “roda”, além de serem o momento de cultivo da amizade, da troca de carinho e do incentivo profissional.

¹⁴ Ver anexo.

Motivado pelos amigos do “grupo dos cinco”, Mário de Andrade resolveu apresentar *Paulicéia Desvairada* para os companheiros do Rio de Janeiro. O autor leu os seus versos em um encontro na casa de Ronald de Carvalho, onde se reuniam os novos artistas e escritores da época, como Prudente de Moraes Neto, Afonso Arinos de Melo Franco, Peregrino Júnior, Ribeiro Couto, Sérgio Buarque de Holanda, Jaime de Barros. Além dos novatos, Mário apresentou sua obra para o já consagrado Graça Aranha e para Manuel Bandeira. Apesar de ter agradado a todos, era preciso publicar a obra, ou seja, divulgá-la amplamente. E como nessa época Monteiro Lobato, o “bandeirante do livro”, desenvolvia uma atividade editorial que apoiava os escritores estreados de então, foi a ele que os versos de *Paulicéia Desvairada* foram entregues em 1921. “Diante daqueles versos que lhe pareceram demasiadamente extravagantes, Monteiro Lobato ficou na dúvida: “*esses modernistas ou são umas bestas ou são gênios!*”, exclamou. E engavetou o volume por algum tempo...” (Góes, 1946, p.98). Meses depois, Lobato pediu a Mário que escrevesse um prefácio de apresentação do livro. No entanto, mesmo tendo Mário escrito o prefácio, que mais tarde tornou-se famoso, a publicação de seu livro foi negada e ele passou a considerar Lobato como inimigo.

Em 1921, Oswald de Andrade, diante da dificuldade para a publicação, resolveu apresentar seu amigo e um dos versos do livro na imprensa paulista. Segundo depoimentos da época, o escândalo foi tão forte, a celeuma provocada nas “rodas literárias” tão intensa, que de uma hora para outra o nome de Mário de Andrade, até então só conhecido pelos “novos”, toma conta da cidade, acarretando ao autor a perda de muitos de seus alunos particulares. Foi somente em julho de 1922, meses depois da Semana de Arte Moderna, que Mário conseguiu publicar *Paulicéia* por uma pequena editora, a desconhecida Casa Mayença.

Para os amigos da “roda” que se encontravam em outros estados, restava-lhes o contato por cartas. Era através delas que eles enviavam suas críticas, sugestões e contavam sobre suas vidas:

São Paulo, 06 de junho de 1922

Manuel Bandeira:

Foi meu prazer de ontem recebendo (só ontem) o teu Carnaval, reler essas páginas que tanta impressão me tinham produzido, há coisa de dois anos e meio... Há no livro uma página que considero das maiores de nossa poesia: “Os sapos”. Já o sabias. (Quando estive no Rio, o ano passado um desejo eu tinha: conversar com o autor dos “Sapos”. Realizei meu desejo. Voltei contente)... Sensibilizou-nos teu interesse. Foste o primeiro dos antigos do Rio a nos demonstrar alguma simpatia. Por que esse afastamento? Será possível que em literatura se perpetuam as rivalidades de futebol! Manoel Bandeira, obrigado!

Paulicéia sairá em breve. Tenho as provas aqui na secretária. Não me esquecerei do teu exemplar...

Voilà. Isto fará parte do livro que não terá nome. As poesias também não terão nome. Mais ou menos: cinestésias objetivadas

Um abraço.

Mário

Rio de Janeiro, 3 de abril de 1938.

Paulo Duarte,

Recebi seus livros e já estou fazendo a distribuição.

(...) Já com Levis-Strauss, agora é tarde para voltar atrás. Chega amanhã aqui e conversarei com ele e o atirarei nas costas de você e do Sérgio. Se arranjem que preciso sossego.(...)

Um abraço do Mário¹⁵.

A relação da circulação do produto literário com as rodas tornou-se um objeto de análise significativo quando, ao estudarmos o processo de publicação de *Menino de Engenho*, vimos que, apesar de José Lins do Rêgo estar no norte do Brasil e de sua estréia ter acontecido dez anos mais tarde, a história do percurso de seus manuscritos em muito se assemelha àquela já contada de *Paulicéia Desvairada*.

Após sair de Manhuaçu, Minas Gerais, onde era promotor público, Zelins¹⁶ foi para Alagoas. Lá, ele passou a fazer parte da “roda de Maceió”, da qual já eram “membros” Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos, Valdemar Cavalcanti, Aurélio Buarque de Holanda, entre outros. *Menino de Engenho* seria, a princípio, uma biografia do avô do autor.

“José Lins, já na casa dos trinta, começava como romancista, mas era nome feito nas rodas intelectuais do Recife e até do Rio de Janeiro, autor de artigos, ensaios e estudos de crítica, já tinha bem afiada a sua ferramenta e já completa a sua formação literária; e

¹⁵ MORAES, Marco Antônio de (Org.). *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. São Paulo: Ed. USP/IEB, 2000.

¹⁶ Zelins era a forma como o autor gostava de ser referido.

*com Menino de Engenho, o romancista José Lins do Rêgo praticamente nos mostrava sua face definitiva”.*¹⁷

*“É que nós surgimos no mesmo tempo: Jorge, eu, Graciliano, Zelins, Amado Fontes. Éramos um grupo de contemporâneos e ainda amigos. O José Américo era meu amigo pessoal. Eu conheci quando ele era Ministro do Getúlio... éramos grandes amigos, eu, Graciliano, e a mulher dele. A gente se freqüentava muito. Nesse período em Maceió, por coincidência, Zelins morava lá, engraçado. Ele era fiscal de imposto de consumo e morava lá. E o Aurélio Buarque de Holanda também morava lá; era de lá. Era uma roda de tantos que depois vieram para cá! Então a gente tinha um botequim, um café, um ponto chique de Maceió, onde a gente reunia-se todas as tardes a tomar um choppinho, um cafezinho a conversar. Depois viemos para cá [Rio de Janeiro], o Alberto Passos Guimarães, Valdemar Cavalcanti, um político, Aurélio Buarque de Holanda, do dicionário, Graciliano e Zelins. Nos reunimos em Maceió nesse período”.*¹⁸

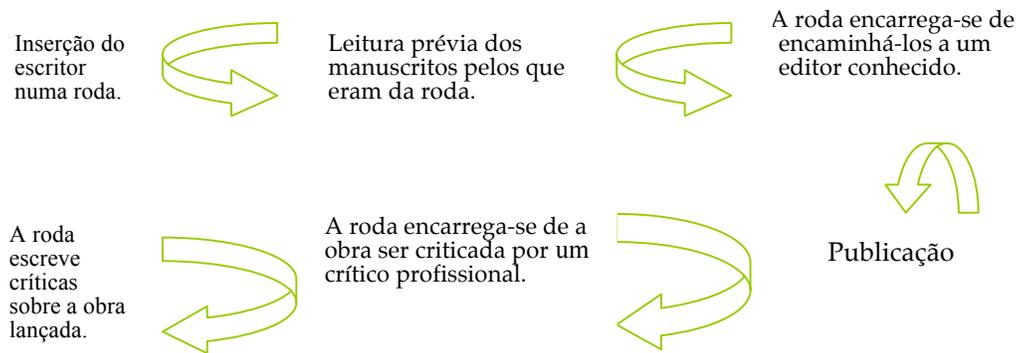
Há uma versão que diz que foi devido à amizade que José Lins tinha com o político-escritor Valdemar Cavalcanti que foi possível publicar *Menino de Engenho* pela pequena Adersen Editores. “Eu fui o datilógrafo dos seus primeiros livros, e foi por interferência minha que *Menino de Engenho* teve seu primeiro editor – Adersen Editores – de dois amigos meus” (Coutinho, 1980:10). Há aqueles que dizem que foi o poeta alagoano Jorge de Lima, também editado pela Adersen - *Poemas Escolhidos*, quem levou *Menino de Engenho* à pequena editora da rua do Lavradio, 60. Segundo o editor Hersen, os originais do livro lhe foram entregues por Hildebrando de Lima, irmão do poeta Jorge de Lima.

Pouco importa saber com exatidão se foi Valdemar Cavalcanti ou Jorge de Lima quem levou os manuscritos de José Lins até os editores Hersen e Aizen, porque todos os escritores pertenciam à mesma “roda”. O que vale a pena assinalar é que mais uma vez podemos ver que eles seguiam um circuito, e necessariamente tinham que passar por ele, independente de estarem na São Paulo de 1922 ou na Maceió de 1932. Para que se faça mais claro o que estou denominando de circuito de obrigações, segue abaixo um diagrama que sinaliza as tarefas desempenhadas pelas rodas para a publicação de uma obra.

¹⁷ QUEIROZ, R. *Menino de Engenho*: 40 anos, 1972.

¹⁸ Entrevista de Rachel de Queiroz concedida a Gustavo Sorá, em 25 de fevereiro de 1997.

As atividades das “rodas” – 1920 - 30



E era assim que as editoras iam formando seus catálogos: Jorge de Lima, por exemplo, que já era publicado, leva José Lins, depois este leva a *Bagaceira* de José Américo de Almeida para uma terceira edição, e assim sucessivamente. Uma vez editado, os amigos eram também responsáveis pela divulgação da obra e logo escreviam críticas. José Lins, que já tinha *Banguê* editado pela José Olympio Editora (1934) e era autor da “casa”, foi uma espécie de mediador entre ela e seus amigos da “roda” de Maceió¹⁹. Desse modo, algum tempo depois de seu ingresso na José Olympio Editora, o editor contou com a presença, em seu catálogo, de Rachel de Queiroz e Graciliano Ramos, além da adesão do artista Santa Rosa, amiga da “roda” de José Lins, chamado para uma inovação artística das capas dos livros. Dessa forma, depois de 1935, temos quase toda a “roda” de Maceió no Rio de Janeiro.

A maioria das críticas, tanto sobre *Paulicéia Desvairada* quanto *Menino de Engenho*, foi escrita pelos amigos das “rodas” às quais pertenciam os seus respectivos autores. Era o momento em que não só fazia a divulgação do livro, mas também trocavam gentilezas, elogios e, sobretudo, emprestavam uns aos outros seus

¹⁹ Apesar de Recife ser o centro da vida cultural do nordeste no período aqui analisado, a ênfase dada à roda de Maceió não pretende sobrepor o estado de Alagoas ao de Pernambuco em termos de produção cultural. Ao contrário, o enfoque na roda de Maceió foi dado porque ela foi essencial na dinâmica da publicação do livro de estreia de José Lins. Além disso, é preciso que o leitor perceba que, apesar da relativa interdependência entre as rodas, por exemplo, a ligação das rodas de São Paulo com as de Minas Gerais ou a de Maceió com as de Recife, não indica que não se possa fazer uma análise isolada de uma delas, é dizer, para o tema abordado aqui, pareceu-me não ser necessário citar todas as rodas literárias do nordeste ou do Brasil.

respectivos nomes. A crítica é reconhecida antes de tudo porque tem um nome, o que é essencial para a credibilidade ou não do que se está “anunciando”.

Os críticos e criticados nas décadas de 1920 e 1930 ²⁰

ANO	REVISTA/JORNAL	CRÍTICO	CRITICADO
1922	<i>Correio Paulistano</i>	Helios (Menotti del Picchia)	Mário de Andrade
1923	<i>O Paiz</i>	Renato Almeida	Mário de Andrade
1923	<i>Revista do Brasil</i>	Mário de Andrade	Villa-Lobos
1924	<i>Revista do Brasil</i>	Mário de Andrade	Oswald de Andrade
1924	<i>Revista do Brasil</i>	Mário de Andrade	Manuel Bandeira
1926	<i>Revista do Brasil</i>	Manuel Bandeira	Mário de Andrade
1928	<i>Jornal de Alagoas</i>	Jorge de Lima	José Lins do Rêgo
1928	<i>Jornal de Alagoas</i>	Jorge de Lima	Aloísio Branco
1928	<i>Jornal de Alagoas</i>	Valdemar Cavalcanti	Jorge de Lima
1928	<i>Jornal de Alagoas</i>	José Lins do Rego	Aloísio Branco
1932	<i>Boletim de Ariel</i>	Valdemar Cavalcanti	José Lins do Rêgo
1933	<i>Boletim de Ariel</i>	Olívio Montenegro	José Lins do Rêgo
1933	<i>Boletim de Ariel</i>	Octávio de Faria	José Lins do Rêgo
1934	<i>Boletim de Ariel</i>	Luís da Câmara Cascudo	Mário de Andrade
1935	<i>A Manhã</i>	Jorge Amado	José Lins do Rêgo

Por outro lado, a crítica literária, ao contrário das cartas pessoais, funcionava como a esfera pública da relação; às vezes, as opiniões nela expostas contrariavam

²⁰ Nesse momento embrionário do mercado editorial brasileiro, havia a idéia de crítica, porém o profissional em si só se consolidou anos mais tarde. Dado isso, todos envolvidos na produção literária estavam habilitados a escrever crítica para emitir sugestões sobre a obra desejada. Ao positivarem a obra de um companheiro, os críticos, por um lado, divulgavam a roda, e por outro, remarcavam o seu próprio nome, além de reservarem a si o “direito” de pedir algo em troca para o criticado.

àquelas enviadas através das cartas. A conclusão de que a crítica seria falsa ou que negligenciava parte das informações do crítico sobre a obra é, no mínimo, reducionista e pouco explicativa do que estava em jogo com aquela omissão. O controle sobre o que expor acerca de uma determinada obra era, a princípio, uma preocupação dos companheiros de roda. O cuidado excessivo em não prejudicar um companheiro constituía a certeza de haver uma relação com o criticado. O texto publicado era antes de tudo um contra-dom, e não simplesmente um cumprimento do exercício profissional. Com base na pesquisa, é possível afirmar que os nomes desses amigos eram o objeto por excelência da troca entre eles. Emprestar o nome²¹ ao anúncio, à condução ou à apresentação da obra do amigo representava a obrigação máxima daquela relação.

*“(…) No dia seguinte mandei uma proposta ao autor, que residia em Maceió, pela qual faríamos uma tiragem de 2.000 exemplares, financiada a meias, lucros também a meias, proposta que foi prontamente aceita. A particularidade desse contrato é que, na cláusula referente à tiragem estava especificado que, embora de 2.000 exemplares, numeraríamos a edição de 1 a 5.000, suprimindo, naturalmente, três milhares intermediários, a fim de que realmente os leitores pudessem encontrar exemplares numerados até 5.000. Isto para contestar publicidade que seria feita em torno de uma tiragem excepcional – 5.000 exemplares! (...) A 9 de julho rebentou a Revolução Constitucionalista de São Paulo, dificultando a distribuição do livro, particularmente para aquele Estado, cujo mercado desapareceu completamente. (...) Tinha 22 anos de idade e precisava vencer. Com os primeiros exemplares debaixo do braço visitei a livraria mais próxima – ‘Minha Livraria’ – de Benjamim Costallat, que dirigia sozinho o pequeno estabelecimento. (...) O exuberante livreiro-escritor não queria vê-lo. Sua casa não tinha espaço para baboseiras. (...) Saí. Havia em mim um misto de ofensa e desolação. (...) A todos procurava convencer de que Menino de Engenho era um livro excepcional, que ali estava um escritor fora do comum. (...) **A título de favor pessoal saíram as primeiras notas nos jornais. As primeiras críticas, simples trechos publicitários tive eu mesmo de fazê-los, usando nomes de amigos que sorriam diante das fotos consumadas. Ai estão, entre os vivos: Jorge Amado e Arnon de Melo: entre os mortos lembro-me de Aurélio Pinheiro.** (...) (grifo meu). Aos poucos o trabalho frutificava. (...) São Paulo reabriu o mercado. (...) Os críticos foram chegando do norte para o sul (...) era o início da consagração.” (Hersen 1980).²²*

²¹ O nome antes de tudo é a referência do indivíduo dentro da malha social. Ele denota a pessoa social, a sua posição na sociedade por meio de sua família e todas as demais relações sociais a ele atreladas.

²² MARTINS, Eduardo. *José Lins do Rego: o homem e a obra*. João Pessoa: Secretaria de Educação e Cultura, 1980, pp.345-349.

Às críticas sobre a obra de um amigo, restavam a ele elogios somente; o apontamento para uma dada imperfeição era restrito à esfera das cartas privadas²³. Se algumas delas foram escritas para algum dia serem públicas, seguramente não lhes passava pela cabeça naquele momento que o seriam. Assim, havia uma divisão bem delimitada da exposição das opiniões acerca da obra de um companheiro de “roda”: elogios abundantes pertenciam à esfera da crítica publicada, enquanto que a crítica, propriamente dita permanecia nas cartas particulares, ou seja, nos bastidores do mundo do livro.

Carta:

Rio de Janeiro, Curvelo 43

3 de outubro de 1922.

Meu caro Mário de Andrade:

Recebi a Paulicéia Desvairada e a sua carta de 23 de novembro (!)²⁴ Obrigado...

Vou falar com franqueza, já que você m'a pede, dos seus poemas tão belos e tão estranhos. Quando os ouvi; lidos por você, senti-me arrastado pelo aluvião lírico do Desvairismo. O “Oratório”; o “Nocturno” e o outro poema, que você suprimiu [“Louco entre os loucos, eu sou Parsifal!”], deixaram em mim a ressonância de inumeráveis harmônicas. Tinha, realmente, ânsia de lê-los...

O que me exaspera?... O desvairismo gangórico...

Se lhe digo essas coisas, meu caro Mário, é porque já se confessou muito longe desta Paulicéia. Senão, eu teria receio de magoar alguma delicada fibra paterna. Pomos tanta ternura em cada

²³ Ao incluir as correspondências de Mário de Andrade como elemento corroborante de minha argumentação, isso pode ter atenuado a quantidade de informações em relação a José Lins. Entretanto, faço saber que Mário de Andrade é conhecido como o escritor brasileiro que mais escreveu cartas, desse modo elas se tornaram objetos fundamentais nas análises sobre o autor; o mesmo não se pode dizer de José Lins do Rego. Aos interessados nas correspondências, além do livro citado na bibliografia, há centenas delas no arquivo do Mário de Andrade no Instituto de Estudos Brasileiros/USP.

²⁴ Manuel Bandeira agradece a Mário pelo fato deste ter lido seu livro e lhe enviado comentários. Mário de Andrade faz muitos elogios ao livro *Carnaval*, de Manuel Bandeira, destacando o poema “Os Sapos”. Além disso, Mário diz que Manuel foi o primeiro dos amigos do Rio a “nos demonstrar alguma simpatia”, isto é, a ser simpático não só com ele, mas com todo o “grupo dos cinco”.

um de nossos poemas! Gostaria de saber como você receberá essas críticas; se na sua evolução, você está com o meu sentimento, e não estando, em que está afastado deste desvairismo.

De uma coisa estou certo e certíssimo. É que não há aqui nada, mas nada de comparável a aquela “Noite de São Pedro”, que reputo um grande marco de nossa poesia. (...)

(...) O seu livro é o primeiro livro integralmente moderno que aparece no Brasil. Todos os outros foram de transição.

Estou cansado de escrever. Receba, meu caro Mário, um grande abraço e admiração e saudade do seu

Manuel Bandeira²⁵

Crítica:

*“A Paulicéia Desvairada é um livro impressionante. O desvairismo é escrever sem pensar tudo o que o inconsciente grita quando explode o acesso lírico. Os românticos escreviam assim... A Paulicéia Desvairada não é um livro que tenha sido composto na intenção de ser moderno... São poemas impressionistas, intuitivistas, desvairistas. Numa grande comoção de ternura e sarcasmo, o poeta cantou, chorou, riu e berrou... Em suma – viveu os seus poemas. A diferença dos poetas modernos é que eles amam e confessam amar a sua época, com os aeroplanos, os automóveis, o cinema, o asfalto, tudo aquilo enfim que para os falsos poetas é banal e prosaico... Mário de Andrade é moderno. E desabafando com sinceridade a sua impulsão lírica, fez este livro estranho e delicioso, tão brasileiro, e até tão paulista que em muitos pontos se torna incompreensível a quem desconhece o ambiente de São Paulo” (Manuel Bandeira, *Arvore Nova*, outubro de 1922).*

²⁵ Mário responde a Manuel Bandeira em outubro de 1922: “Antes de mais nada agradeço tuas linhas. Para mim a melhor homenagem que se pode fazer a um artista é discutir-lhe as realizações, procurar penetrar nelas, e dizer francamente o que se pensa. Assim tua carta não me magoou, mas engrandeceu-me. Muito obrigado. Quanto às restrições: nalgumas dou-te imediatamente razão, outras discuto. Há exageros na minha obra. É verdade muito minha. (...) Trata-se duma época toda especial de minha vida. Paulicéia é a cristalização de 20 meses de dúvidas, de sofrimentos, de cóleras. É uma bomba. Arreventou. Era preciso que arreventasse, senão eu me estiolaria no toda- a - gente porco, vilíssimo de X..., de Y..., de.... de... (põe tu aqui todos os nome desses infelizes que são poetas, não há como negar, mas que o não sabem ser)... Mas é que, assim como está, Paulicéia me é excessivamente cara. (...)

E agora: adeus. Mais uma vez: muitíssimo obrigado. Mário. In: MORAES, Marco Antônio de (Org.). *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. São Paulo: Ed. USP / IEB, 2000.

A crítica de Bandeira, publicada em *Árvore Nova*, traduz bem a cordialidade entre ambos os poetas; ela tende a justificar elogiosamente o chamado desvairismo (escrever em versos não-metrificados) do livro de Mário de Andrade, fato este que era o alvo das principais críticas da época. Entretanto, o crítico não acrescentou ao texto os comentários e parte de sua opinião ressaltadas na carta.

Tal como foi para Mário de Andrade, foi também para José Lins do Rêgo; a maioria de suas críticas, como já foi mencionado anteriormente, foi da mesma forma escrita por seus companheiros e aliados de sua “roda”. Uma das primeiras é de autoria do jovem político Valdemar Cavalcanti:

(...) pinta José Lins do Rego uma vida com muito colorido, muita força de realidade. A forte impressão do real que nos deixa essa novela estranha deve-se, entretanto, a José Lins do Rego não se distrair com a natureza, não se perder no puro interesse paisagístico: dela ele nos mostra o suficiente para fixar sua gente do romance em terra firme.

Do que José Lins do Rego nos expõe da vida do “Santa Rosa” [engenho], com abundância de detalhes num delicioso frescor de tintas – frescor devido ao seu admirável poder evocativo – pode-se ver, como em nenhum outro livro brasileiro, o que é o cotidiano nos engenhos banguês do nordeste, hoje ameaçados de um trágico “lock out”. E do que sofrem as terras e as gentes dessas zonas açucareiras estão como álbuns coloridos nas páginas do grande livro, que vi dia a dia o meu querido amigo escrever.” (Valdemar Cavalcanti, Boletim de Ariel, n.9, junho de 1932).

Não foi encontrado um artigo ou uma carta em que os escritores condenassem o fato de um crítico mencionar no texto, que era amigo do criticado. Valdemar Cavalcanti, como muitos outros, não omitiu o fato de ser próximo de José Lins do Rêgo. Os elogios feitos à obra não são invalidados, nem de forma privada e tampouco em público, pela menção de ser amigo do criticado. Não é possível estabelecer uma relação causal entre a amizade e a atividade profissional, ou então hierarquizar-las de maneira que uma se sobreponha à outra. É mais pertinente pensar numa conjunção de ambas, porque o isolamento de uma ou de outra implicaria uma descaracterização do modo como operavam as relações nesse espaço social.



Mário de Andrade de chapéu, Baby e Guilherme de Almeida, Antônio Carlos Couto de Barros, Rubens Borba de Moraes, Yan de Almeida Prado, Tácito de Almeida, e outros. Fonte: Acervo IEB-USP

Essas alianças também podem ser localizadas através de revistas, coleções e editoras. A antiga livraria Leite Ribeiro do editor Ribeiro Couto, no Rio de Janeiro, era um ponto de encontro nos anos de 1922 e 1923, dos jovens escritores. Em 1922, ela era o lugar obrigatório de reunião dos estreados, o espaço onde as relações de amizade entre os escritores se intensificavam. O ano de 1923 ficaria como o período de “maior voga” da “rodinha da Leite Ribeiro”.²⁶ Haroldo Daltro, um dos frequentadores da livraria, dizia na época: “o ponto de encontro agora é outro... a Leite Ribeiro domina”.²⁷ Todo

²⁶ Escritor Haroldo Daltro. In: CHAVES, Eneida Maria. *O Mundo Literário – um periódico da década de 20 no Rio de Janeiro. Dissertação de mestrado*. São Paulo: Departamento de Letras da FFLCH – USP, 1977.

o pessoal novo da época e alguns nomes já consagrados, como Graça Aranha e Nestor Vítor, mudaram-se para a Leite Ribeiro e passaram a ter nova “residência”. É importante ressaltar que a tão badalada Leite Ribeiro era a livraria da editora do mesmo nome, fenômeno comum na época, isto é, as editoras tinham suas próprias livrarias como uma estratégia de sobrevivência, de venda e de *marketing* de seus produtos, por falta de outros meios ou de uma distribuição maior.

Era comum, além da livraria, o editor criar um periódico, como foi o caso da própria Leite Ribeiro com a conhecida e bem-conceituada revista *Mundo Literário*. Outras editoras também tinham suas próprias revistas, como a Editora Ariel, por exemplo, com a *Boletim de Ariel*, cujo diretor era Gastão Luís Cruls e o redator-chefe, o importante crítico da época, Agrippino Grieco. A *Revista do Brasil*, criada em janeiro de 1916 e dirigida por Luís Pereira Barreto, Júlio Mesquita, Alfredo Pujol e Pinheiro Júnior, editada a princípio na gráfica *d’O Estado de São Paulo* e posteriormente comprada por Monteiro Lobato em 1918, seria, após a criação da Cia Editora Monteiro Lobato, a sua base.

A *Mundo Literário*, que surgiu em 1922 e teve 48 números publicados, cujos diretores eram o poeta Pereira da Silva e o romancista Théo-Filho, tinha em seu quadro de colaboradores os escritores Murilo Araújo, Oswaldo Beresford, Haroldo Daltro, Cecília Meireles, Tasso da Silveira, Nestor Vítor, Alberto de Oliveira, entre muitos outros, que ou eram editados da própria Leite Ribeiro ou freqüentadores da “rodinha da livraria”.

A *Revista do Brasil*, durante a gestão de Monteiro Lobato como diretor, de 1917 a 1923, pouco ou quase nenhum espaço deu a Mário de Andrade. O leitor pode questionar que o fato se deu no início de sua carreira. Concordamos com a inexpressividade de Mário de Andrade até 1922, entretanto, após essa data, com a repercussão da *Semana de Arte Moderna* da qual o escritor foi um dos principais organizadores, mesmo que fosse para crítica negativa, cabia-lhe um espaço. No quadro de colaboradores e de publicados da *Boletim de Ariel* (década de 30), todos eram ligados à editora, e citamos como colaboradores Otávio de Faria, Jorge Amado, Gilberto Amado, Almir de Andrade, entre outros escritores. A maior parte das críticas sobre a obra de José Lins do Rêgo saiu por essa revista, devido à ligação estreita do autor e também de toda a sua roda com os editores e os colaboradores.

Podemos ainda citar muitas outras revistas que de fato pertenciam às rodas; a *Lanterna Verde*, que era o boletim da Sociedade Felipe D’Oliveira; a revista *Festa*, nascida do encontro de alguns escritores que colaboravam para a *Mundo Literário*; as inúmeras revistas do Movimento Modernista, como a *Klaxon* (SP), a *Estética* (RJ), etc. É importante assinalar que se averiguarmos de forma mais minuciosa poderemos destacar alguns autores colaborando para mais de uma revista, como foi o caso dos

²⁷ Chaves, *op. cit.*, 1977.

escritores em questão, Mário e José Lins. Entretanto, mesmo que essa colaboração tenha sido feita de forma ampla, ainda assim é possível identificar as fronteiras, ou seja, havia sempre aquela revista para a qual o acesso estava interdito a alguns escritores em função da sua associação com uma determinada roda.

Como a própria Rachel Queiroz colocou, eles eram uma “roda de contemporâneos” e, ainda, amigos. Isso tem implicações importantes no que diz respeito às motivações pessoais desses produtores para continuarem a cultivar tais relações; a palavra “amigo”, abundantemente utilizada por todos os que pertenciam às “rodas”, não é dada gratuitamente e, além disso, revela uma dimensão essencial para que se compreenda as relações de “troca” desse mundo. É fato que naquela época, como foi comentado anteriormente, as “rodas” passaram a exercer funções centrais para o funcionamento do espaço cultural brasileiro. Aquele que não estivesse inserido ou ao menos não fosse um aliado de uma delas não conseguiria uma posição ou mesmo uma inserção no espaço literário, seria um “morto simbólico”.²⁸ Contudo, o cultivo das relações entre eles não passava somente pela dimensão de um cálculo racional. Os dons trocados nesse mundo, que aqui se traduzem, sobretudo em “nomes”²⁹, tinham também e, em especial, um apego emocional e uma obrigação moral. O “amigo” citado por eles não é somente o sujeito interessado, mas sim aquele que tem laços afetivos com os da “roda”, que conhece os códigos social e moral que regem seu mundo, sendo um bom entendedor das regras de comportamento.

Na prática, não existiam dois tipos de dons puros, ou seja, aquele que seria a expressão pura do interesse e o outro que seria só afetividade. Além disso, a aparência desinteressada da relação é seu próprio princípio de funcionamento. Ambas as dimensões, o interesse e a afetividade, coexistem em todas as atividades das relações de troca social, mas em diferentes proporções. Logo, para tentar dar conta da explicação das motivações pessoais que levaram tais indivíduos a participarem desse sistema de obrigações recíprocas, utilizaremos a idéia de “rede de relações pessoais” (*guanxi*, em mandarim chinês), trazida pela pesquisa de Yunxiang Yan,³⁰ feita em 1991 em Xiajia, uma vila rural do norte da China.

²⁸ A apropriação da idéia de morte simbólica (Bourdieu, 1955) é pertinente na medida em que ela aponta para o conjunto de normas através das quais operava o mundo do livro do início do século XX. Na sociedade Kabila, para a qual a idéia de ‘morto simbólico’ foi usada, a honra e a respeitabilidade – valores centrais – devem ser conquistadas e defendidas frente a todos. Deixar-se estar sob os olhos dos outros é uma forma de preservar a respeitabilidade adquirida. Aos infratores, ou seja, os desonrados, reservam-lhes uma espécie de anonimato e de isolamento social. É dizer, os que não seguiam as regras sociais eram postos à margem da dinâmica social.

²⁹ O nome refere-se à pessoa dentro de seu quadro social. Mais do que nomear a um indivíduo, ele indica a localização social da pessoa a qual nomeia.

³¹ YAN, Yunxiang. *The Flow of gifts. Reciprocity and social networks in a Chinese village*. Stanford University Press, 1966. O autor narra em sua monografia que em Xiajia, a troca de presentes, os

A idéia do cultivo da *guanxi*, ou seja, um prestígio que está baseado na quantidade de amigos, é muito boa para se pensar o caso das “rodas” de produtores culturais. Não era suficiente pertencer somente a uma delas, mas necessário também conseguir ser aliado de outras em diferentes centros de produção cultural. Assim, expandia-se o campo de publicação ou de exposição, enfim, da divulgação e da circulação dos bens artísticos. Quanto maior fosse sua *guanxi* maior seriam os meios através dos quais a obra poderia vir a circular. Quanto mais se relacionasse, melhor seriam as chances de uma notoriedade pública que, em parte, conferia prestígio tanto para a obra quanto para o autor. Ter uma *guanxi* extensa significava ter a chance de poder também retribuir um dom. Ter a oportunidade de pedir a um amigo de uma outra “roda” para publicar o artigo de um companheiro que tivesse levado os seus manuscritos para a primeira publicação, seria, antes de tudo, a retribuição³¹. E assim eles faziam: uma crítica escrita hoje poderia vir a se transformar, no futuro, em um artigo no jornal sobre a sua obra, ou mesmo uma segunda edição de seu livro, ou ainda um empréstimo para uma publicação com custo pessoal etc., tudo isso obedecendo ao espaço de tempo da troca, porque ninguém escrevia uma crítica hoje e no outro dia endereçava uma carta para o criticado pedindo um texto em troca.

quais podem ser comida, dinheiro, apoio sentimental ou uma gentileza, é central no cotidiano de seus moradores. Eles dedicam horas em visitas, em participações nos funerais ou em qualquer outro evento considerado importante, e doam uma proporção considerável de suas rendas na compra de presentes. Às vezes, endividam-se para comprá-los. Para quem observa, pode parecer muitas vezes um sacrifício, considerando-o o fato de que aquele que mais oferece presente é o indivíduo de baixa renda. Porém, para eles, estabelecer a relação por via da troca cotidiana de ajuda, de presente ou mesmo de afeto é ser humano; é a chance de não ser considerado um indivíduo “não-sociável”, que é o pior insulto naquela sociedade. A obrigatoriedade de dar e receber, que ultrapassa considerações econômicas, constitui um sistema da economia moral; além disso, essa obrigação fornece aos moradores meios de cultivarem, manterem e expandirem suas redes de relações pessoais, que são a motivação maior para o cumprimento do código moral. O prestígio de um indivíduo em Xiajia é traduzido pela quantidade de pessoas com quem ele “pode contar”, ou seja, pela extensão de sua *guanxi*. Quanto maior a rede, maior é o número de pessoas com quem ele se relaciona e maior também o seu *status* social - sinal de que ele é sociável, generoso e amigo.

³¹ As correspondências dos escritores das rodas revelam o modo como se dava a troca entre eles. Por exemplo, Mário de Andrade, em 1923, responde a Sérgio Milliet confirmando o recebimento de seus manuscritos, via um amigo incomum, e por outro lado, pede a contra-partida: que ele lesse o artigo que escreveu: “O Couto me deu ontem as tuas *Naturezas Mortas*. Podes estar sossegado, estão em boas mãos. Não sei quando as lerei. (...) Agora é impossível. Preparo o número de aniversário de Ariel. Preparo um artigo sobre Manuel Bandeira. Mandarei os dois. Vou corrigir provas da minha *Escrava*. (...) O teu poema ‘Bahia’, sairá no número de aniversário de Ariel [revista]. Se a ‘Estética’, revista modernista do Rio, vingar, mandar-lhe-ei alguns poemas teus. Pediram-me que arranjasse colaboradores (...) Tens recebido a Revista do Brasil? Desejaria que lesse o meu artigo sobre o Oswald.” (Correspondências pessoais do Fundo Mário de Andrade do Arquivo do IEB/USP)

Poderíamos, ainda, nos perguntar o que levava aquelas pessoas a permanecerem juntas? Qual era o significado da amizade para elas? Num primeiro momento, tentando fugir da idéia de interesse, que nada explica e automatiza as ações dos indivíduos, baseando-me no trabalho de Raymond William, considerei que a união daquelas pessoas tinha a ver com uma afinidade pessoal e social. Se por um lado a “amizade” obedecia à definição interna dada pelos próprios “membros” das “rodas”, por outro, sua caracterização não era suficientemente explicada por uma determinada afinidade. Tampouco, isso torna claro o significado social e cultural das “rodas”. A amizade é utilizada aqui num sentido mais extenso do que um simples vínculo cordial; em termos antropológicos, ela sustenta uma relação de dependência ainda maior e mais complexa que está inscrita em um sistema de obrigações, pelo qual, neste caso específico, a dádiva e o bem cultural circulavam.

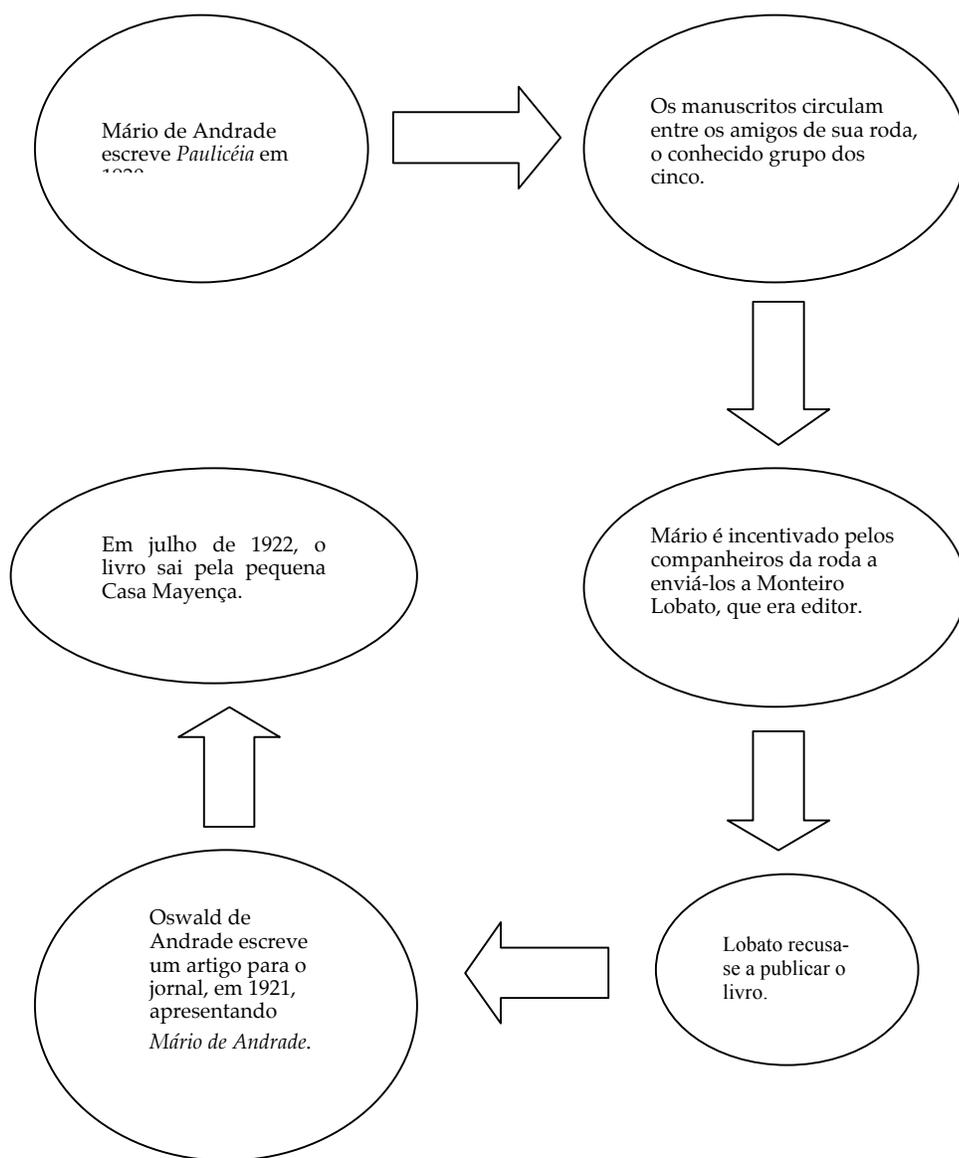
3. Considerações finais

Podemos afirmar que o mundo do livro a partir dos anos 20 passou a operar segundo um conjunto de relações profissionais e pessoais indissociáveis, através das quais podemos identificar a posição de uma obra ou de seu criador nesse espaço. Pertencer à “roda x” ou freqüentar o “grupo y” significava, além de ser amigo de seus “membros”, a localização do produtor no mundo do livro, ou seja, considerar essas pequenas instituições – as rodas – como um elemento central possibilitou-me compreender a lógica de tal universo.

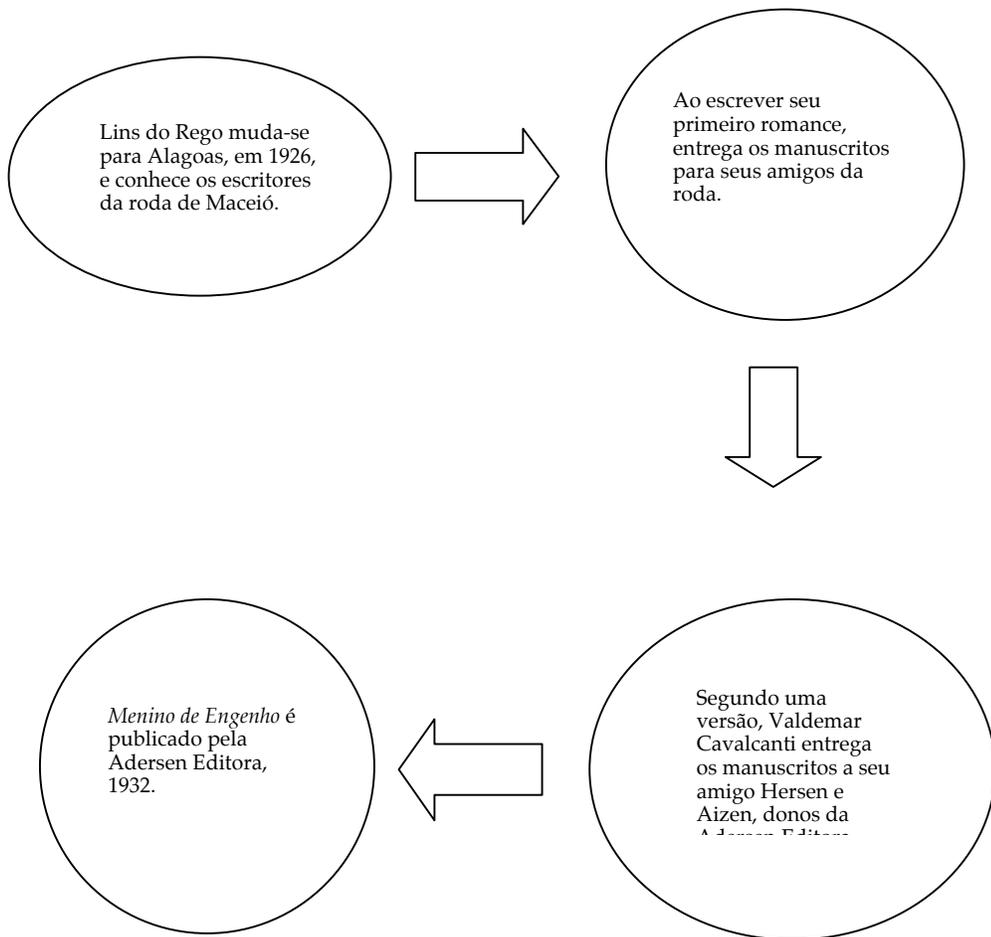
A troca do dom era a própria circulação dos bens culturais. Como foi ressaltado, o objeto por excelência da troca era o nome; através dele cunhavam-se relações. A crítica literária, a apresentação e o comentário em jornal eram os meios pelos quais se faziam circular tanto o objeto cultural quanto o da dádiva. Além das afinidades pessoal, intelectual e social, essa ligação pode ser entendida como o conhecimento do código moral daquele mundo. Retribuir a revisão de um texto era seguir cultivando a *guanxi* pessoal.

ANEXO

Trajatória de *Paulicéia Desvairada* – 1922



Trajatória de *Menino de Engenho* – 1932



Bibliografia

- ABBUD, Marísia Costa. Mário de Andrade e as manifestações artística em São Paulo (1927-1930). *Dissertação de Mestrado*. São Paulo: Escola de Comunicação e Artes – ECA – USP, 1979.
- ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. *Jorge Amado: Política e Literatura - Um estudo sobre a trajetória intelectual de Jorge Amado*. Rio de Janeiro: Editora Campus LTDA, 1979.
- AMARAL, Aracy (Org.). *Correspondência Mário de Andrade & Tarsila do Amaral*. São Paulo: Editora USP/IEB, 2001.
- ANDRADE, Mário de. *O empalhador de passarinhos*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2002.
- BOSI, Alfredo. Mário de Andrade – crítico do Modernismo, Moderno e modernista na literatura brasileira. *In: Céu, Inferno – Ensaios de crítica literária e ideológica*. São Paulo: Editora 34; Livraria Duas Cidades, pp. 209-242, 2003.
- CAMARGOS, Márcia. *Villa Kyrial: crônica da 'Belle Époque' Paulistana*. São Paulo: Editora SENAC, 2000.
- CÂNDIDO, Antônio. *Brigada Ligeira e outros escritos*. São Paulo: Editora UNESP, 1992.
- _____. *Formação da Literatura Brasileira*. Vol. 2. Belo Horizonte; Rio de Janeiro: Editora Itatiaia, 1997.
- _____. *Literatura e Sociedade: Estudos de teoria e história literária*. São Paulo: T.A. Queiroz Editor, 2000.
- CARPEAUX, Otto Maria. *Pequena Bibliografia crítica da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Editora Letras e Artes, 1964.
- CHAVES, Eneida Maria. O Mundo Literário – um periódico da década de 20 no Rio de Janeiro. *Dissertação de Mestrado*. São Paulo: Departamento de Letras da FFLCH – USP, 1977.
- COUTINHO, Afrânio & SOUSA, José Galante de. *Enciclopédia de Literatura Brasileira*. São Paulo: Ministério da Cultura, Fundação Biblioteca Nacional, Global Editora, ABL, Vol. II, 2001.
- COUTINHO, Afrânio. *Introdução à Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Editora Distribuidora de Livros Escolares, 1968.
- _____. *A literatura no Brasil. Modernismo*, Vol. 5. Rio de Janeiro: Editora Sul Americana, 1970.
- _____. *Brasil e brasileiros de hoje*. Enciclopédia de biografias. Rio de Janeiro: Ed. Sul Americana, 1970.

- COUTINHO, Eduardo F. & CASTRO, Ângela B. de (Orgs.). *José Lins do Rego. Fortuna Crítica*, Vol. 7. João Pessoa: Edições Funesc; Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.
- DUARTE, Paulo. Departamento de Cultura: vida e morte de Mário de Andrade. *Revista do Arquivo Municipal*, pp. 76-86, 1946.
- _____. *Mário de Andrade: por ele mesmo*. São Paulo: HUCITEC; SCCT; CEC, 1977.
- ELIAS, Norbert. As interdependências humanas – Os problemas das ligações sociais. *In: Introdução à sociologia*. Lisboa: Editorial Estampa, 1987.
- FARIA, Luiz de Castro. Populações meridionais do Brasil. Ponto de partida para uma leitura de Oliveira Vianna. *Boletim do Museu Nacional*, nº29, 1978.
- FIGUEIREDO Jr., Nestor Pinto de. *Pela mão de Gilberto Freyre ao Menino de Engenho*. João Pessoa: Edições Funesc; Idéia, 2000.
- FILHO, Adonias. *O romance brasileiro de 30*. Rio de Janeiro: Edições Bloch, 1969.
- FUSCO, Rosário. *Vida Literária*. São Paulo: SEP, 1940.
- FREYRE, Gilberto. *Manifesto Regionalista*. Recife: Ministério da Educação e Cultura; Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1976.
- GRIECO, Agripino. *Gente Nova do Brasil. Veteranos. Alguns mortos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935.
- GÓES, Fernando. História de Paulicéia Desvairada. *Revista do Arquivo Municipal*. São Paulo: Publicação do Departamento de Cultura, pp. 89-105, 1946.
- GUÉRIOS, Paulo Renato. Lutando por sua predestinação: um estudo antropológico da trajetória de Heitor Villa-Lobos. *Dissertação de Mestrado*. Rio de Janeiro: PFGAS – Museu Nacional, UFRJ, 2001.
- HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil*. São Paulo: Edusp; T. A. Queiroz Editor, 1985.
- IGREJA, Francisco. *A Semana Regionalista de 1922*. São Paulo: Edicon, 1989.
- JATOBÁ, Roniwalter. Mário e a memória. *Mário universal paulista: algumas Popularidades*. São Paulo: Prefeitura do Município de São Paulo, pp.45-50, 1997.
- LEFEBVRE, Henri. Introdução à Modernidade. *In: Introdução à Modernidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.
- LIMA, Alceu Amoroso. *A crítica literária no Brasil*. Rio Janeiro: Ministério da Educação, Biblioteca Nacional, 1958.
- LOPES, José Sérgio Leite. Relações de parentesco e de propriedade nos romances do ‘Ciclo da Cana’ de José Lins do Rego. *In: VELHO, Gilberto (Org.). Arte e Sociedade – Ensaios de sociologia da arte*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.

- LOPES, Telê P. Ancona (Org.). *Mário de Andrade: entrevistas e depoimentos*. São Paulo: T.A. Queiroz Editores, 1983.
- MARTINS, Eduardo. *José Lins do Rego: o homem e a obra*. João Pessoa: Secretaria de Educação e Cultura, 1980.
- MARTINS, Wilson. *A crítica literária no Brasil*, Vol. 1. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora. pp. 474-566, 1983.
- _____. Do modernismo ao moderno. *In: A idéia Modernista*, Rio de Janeiro: ABL, Topbooks, 2002.
- MAUSS, Marcel & DURKHEIM, Émile. Algumas formas primitivas de classificação, Contribuição para o estudo das representações coletivas. *In: Ensaios de Sociologia*. São Paulo: EPU, EDUSP, 1974.
- MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*, Vol. 2. São Paulo: EPU; EDUSP, 1974.
- MELO, Veríssimo. *Contribuição do Nordeste ao Movimento Modernista*. Natal: Fundação José Augusto, 1971.
- MICELI, Sergio. *Intelectuais e Classe dirigente no Brasil (1920 – 1945)*. São Paulo; Rio de Janeiro: Difel S.A, 1979.
- MILLIET, Sérgio. O poeta Mário de Andrade. *Revista do Arquivo Municipal*. São Paulo: Publicação do Departamento de Cultura, pp.53-68, 1946.
- MONTENEGRO, Olívio. *O Romance Brasileiro*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, Coleção Documentos Brasileiros, nº10, 1953.
- MORAES, Eduardo Jardim de. Modernismo Revisitado. *Estudos Históricos, Identidade Nacional*. Vol. 1, nº2, pp. 220-238, 1988.
- _____. *A brasilidade modernista – Sua dimensão filosófica*. Rio de Janeiro: Graal, 1978.
- MORAES, Marco Antônio de (Org.). *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. São Paulo: Ed. USP / IEB, 2000.
- MORAES, Pedro Rodolfo Bodê de. Fidalgos do café e livros do Brasil – Monteiro Lobato e a criação de editoras nacionais. *Dissertação de Mestrado*. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional – UFRJ, 1995.
- PAES, José Paulo & MOISÉS, Massaud (Orgs.). *Pequeno Dicionário de Literatura Brasileira*. São Paulo: Editora Cultrix, 1967.
- PONTES, Heloisa. Retratos do Brasil: Um estudo dos editores, das editoras e das ‘Coleções Brasilianas’, nas décadas de 1930, 40 e 50. *BIB*, Vol. 26, pp. 56-89, 1988.
- _____. Destins entremêles. Le Grupo Clima, la faculté de philosophie et le système culturel paulista dans les années 1930 à 1950. *Cahiers du Brésil Contemporain*. Paris, Vol. 47/48, pp. 199-224, 2002.

- RIBEIRO, João. *Crítica: Os modernos*. Vol. IV. Rio de Janeiro: ABL, 1952.
- SANT’ANA, Moacir Medeiros. *Documentos do Modernismo*. Maceió: UFAL, 1978.
- _____. *História do Modernismo em Alagoas (1922-1932)*. Maceió: EDUFAL, 1980.
- SANTOS, Wanderley Guilherme dos. A imaginação político-social brasileira. *Dados*. Vol. 2, nº3, pp. 182-193, 1967.
- SHELLING, Vivian. *A presença do povo na cultura brasileira – Ensaio sobre o pensamento de Mário de Andrade e Paulo Freire*. Campinas: Editora Unicamp, 1991.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão – Tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.
- SILVA, Simone. O preto-e-branco do escritor brasileiro – Machado de Assis: no plural ou no singular? *Monografia de Graduação*. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2001.
- SILVEIRA, Joel. Uma hora com José Lins do Rego. *Vamos Ler!* Vol.4, nº134, pp. 8-10; 37, 23-fev-1939.
- SIMÕES, João Gaspar. *Crítica I: a prosa e o romance contemporâneo*. Porto: Livraria Latina Editora, 1942.
- SIGAUD, Lygia. As vicissitudes do Ensaio sobre o Dom. *Mana*. Vol. 5, nº 2, pp.89-123, 1999.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *Orientações do pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro: Vecchi, 1942.
- SORÁ, Gustavo Alejandro. *Brasilianas - A casa José Olympio e a instituição do livro nacional. Tese de Doutorado*. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, UFRJ, 1998.
- _____. Os livros do Brasil entre o Rio de Janeiro e Frankfurt. *BIB*, Vol.41, pp. 3-33, 1996.
- TRIGO, Luciano. José Lins do Rego e o Modernismo. *In: Engenho e Memória: O Nordeste do açúcar na ficção de José Lins do Rego*. Rio de Janeiro: ABL, Topbooks, 2002.
- WILLIAMS, Raymond. The Bloomsbury Fraction. *In: Problems in materialism and culture – Selected essays*. London; New York: Verso, 1980.
- YAN, Yunxiang. *The Flow of gifts. Reciprocity and social networks in a Chinese village*. Stanford University Press: Stanford, Califórnia, 1996.
- Cartas de Mário de Andrade a Álvaro Lins*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1983.
- Cartas de Mário de Andrade a Luís da Câmara Cascudo*. Villa Rica, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, 1991.

Jornais e revistas consultados:

Revista do Brasil, 1917, 1918, 1922, 1923, 1924, 1925, 1926, 1927, 1938, 1939, 1940

A União, João Pessoa, (PB) 1932

Boletim de Ariel: 1931, 1932, 1933, 1934

Festa 1927-1935

Lanterna Verde, 1944

Vamos Ler !: 1939

Correio Paulistano, jan./ fev. 1922

Klaxon – mensário de arte moderna, n. 30, nov. 1922

A Manhã, RJ, 17-09-1935

Diário de Notícias, RJ, 1932

Jornal do Commercio, SP, jan./ fev. 1922

Anuário de Literatura Brasileira – 1937-1942, Rio de Janeiro, Irmãos Pongetti/Zélio Valverde.

Folha de São Paulo, jan./ fev. 1922